

## O Mito de Adão

### Mito de Adapa

A fonte da existência e queda do homem no livro do Gênesis vem de um mito Acadiano de um ser mitológico chamado de *Adapa*, encontrado em um tablet em Tell Amarna, a capital do faraó *Akhenaton*. *Adapa*, filho de Ea, o deus babilônico da sabedoria.<sup>1</sup>

O nome Adão tem uma semelhança tentadora ao de Adapa, fato que levou à um desenvolvimento fonético simples, i.e., uma mudança das consoantes labiais *m* para *p*, e não vice versa.<sup>2</sup> Além disso, o *a* final em Adapa também aparece no hebraico ao vocábulo '*adama*, cujo significado se tem: “solo, terra”.

Definitivamente, *a-da-ap* é relatado por um texto com o significado de “homem.”<sup>3</sup> Quanto ao nome *Adapa*, ele aparece frequentemente com o epíteto “o douto, o sábio,”<sup>4</sup>

*Adapa* é identificado como aquele que subiu ao céu, após o relato do mito em um texto publicado por E. Reiner,<sup>5</sup> que em função dos epítetos *apkallu* e especialmente *ummanu* concluiu que *Adapa* deve ser identificado como um “mestre, artesão” com referência à arte de escriba. Entretanto outros estudiosos argumentam com base em outro texto que o epíteto de *Adapa* deve ser lido *umanna*, e que o seu determinante produz um nome duplo, *Umanna-Adapa*.<sup>6</sup>

Tanto *Adapa* quanto Adão foram aparentemente testados com alimentos (bebida, no caso de Adapa); e, de acordo com alguns intérpretes, ambos falharam no teste, daí o paralelo entre os dois registros. Adapa obedeceu completamente seu deus *Ea*, ao recusar o pão e a água da morte.

Ea, por sua vez, teria que ser entendido como a enganar *Adapa*, mantendo a sua divindade (fazendo com que ele recusasse a comida celestial) por um motivo egoísta, ou seja, ele queria manter o serviço de *Adapa* em *Eridu*.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup>Cf. Robert Graves e Raphael Patai. *hebraicas mitos, o livro de Gênesis*. Nova York. Greenwich House. Distribuído pela Crown Publishers, Inc. de 1963, 1964, reimpressão de 1983, pag 79

<sup>2</sup>Cf. Recently W. H. Shea, Adam in Ancient Mesopotamian Traditions, *AUSS* 15 (1977): 27-41; reprinted in *Bible and Spade* 6 (1977): 38,39.

<sup>3</sup>Cf. The best English translation is by E. A. Speiser in *ANET*, 101-103. Of the four extant fragments, three (A, C, D) derive from the Ashurbanipal library (7th cent. B.C.), and the fourth (B) comes from the Amarna archives (14th cent. B.C.).

<sup>4</sup>Cf. *ANET*, 313-314, 450; A. K. Grayson, “The Weidner Chronicle,” *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Texts from Cuneiform Sources 5 (New York, 1975), 147: 33; Foster, pp. 344-349.

<sup>5</sup> The Etiological Myth of the 'Seven Sages,' *OrNS* 30 (1961): 1-11.

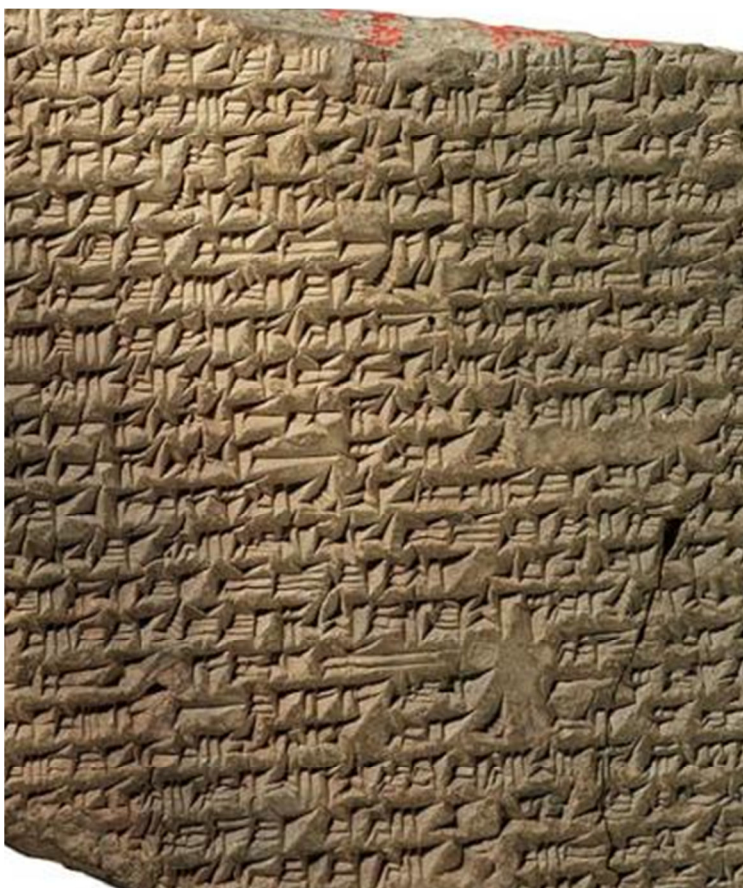
<sup>6</sup>Cf. A Catalogue of Texts and Authors," *JCS* 16 (1962): 64.1.6; and p. 74. See also W. W. Hallo, "On the Antiquity of Sumerian Literature," *JAOS* 83 (1963): 176.

<sup>7</sup>Cf. Thus E. Burrows, "Note on Adapa," *Or*, no. 30 (March 1928), p. 24; T. Jacobsen, "The Investiture and Anointing of Adapa in Heaven," *AJSL* 46 (1930): 201-203 (reprinted in *Towards the Image of Tammuz* [Cambridge, Mass., 1970], pp. 48-51); *The Treasures of Darkness* (New Haven, Conn., 1976), pp. 115-116; J. Pedersen, "Wisdom and Immortality," *Wisdom in Israel and in the Ancient Near East*, ed. M. Noth and D. Winton Thomas (Leiden, 1955): 244; Foster, p. 351; Shea, p. 34.

O paralelo entre Adapa e Adão sobre falhar em um teste envolvendo alimentos estão em foco em ambos. Ambos foram sujeitos a um teste envolvendo alimentos e ambos receberam dois conjuntos de conselhos; ou seja, “não coma” (Deus e Ea) e “coma” (Serpente e Anu). Um deles, *Adapa*, obedeceu e passou a prova; o outro, Adão, desobedeceu e falhou.

Adapa, ao contrário de Adão, não é o primeiro homem na Terra, ele não representava a humanidade em um sentido especial. De acordo com o fragmento A, linha 6, ele era o “modelo dos homens,” um arquétipo humano; e como alguns estudiosos sugerem, este aspecto particular do caráter de Adapa identifica-o como um homem sábio cujas habilidades estendiam em várias direções.<sup>8</sup>

Primeiro, ele é um sábio cujo conhecimento superior que lhe foi dado por Ea o que faz dele supervisor geral das atividades humanas na cidade de Eridu conforme o Tablet A, linhas 10-18. Em segundo lugar, ele é contemporâneo do primeiro rei antediluviano, Alulim.<sup>9</sup> Assim, ele é o primeiro *apkallu* (homem sábio antediluviano).



---

<sup>8</sup> B. R. Foster, 'A Wisdom and the Gods in Ancient Mesopotamia,' *Or*, n. s., 43 (1974): 345-349.

<sup>9</sup> Hallo, "Antediluvian Cities," p. 62; Lambert and Millard, *Atra-Hasis*, p. 27

O mito afirma que a imortalidade é o privilégio dos deuses e não pode pertencer ao homem, mesmo para o mais sábio. Aqui há um contraste direto entre *Adapa* e *Adão*.

*Adapa* é contido por *Ea* de buscar a imortalidade (ou presunçosamente mesmo acidentalmente) no tribunal de Anu; *Adão* é contido (sem sucesso) de perdê-la. No entanto, uma vez que *Adão* perdeu sua imortalidade, ele também deve ser mantido de procurá-la de novo (Gen 3: 22f).

*Adapa* e *Adão* ambos foram convocados perante a divindade para dar conta de suas ações.<sup>10</sup> Mas qual foi a ofensa de *Adapa*? Com base do paralelo presumido com Gen 3, a resposta tem sido muitas vezes que *Adapa* recusou a comer onde *Adão* se recusou a evitar comer.

Entretanto se, por outro lado, o crime é definido como aquele que trouxe a intimação antes da divindade, então a ofensa de *Adapa* foi claramente ao quebrar a asa do vento sul. Três coisas podem ser observadas a respeito deste ato.

Primeiro, *Adapa* quebrou o vento com uma palavra. Ele claramente estava na posse de poder mágico, algo que pode explicar o encantamento no fragmento D empregada para dissipar doença.<sup>11</sup>

Em consequência dessas características, *Adapa* tornou-se o epítome da sabedoria e um modelo do que foi para as gerações futuras.<sup>12</sup>

Quando este fato é combinado com sua associação com o primeiro rei, ele é o típico homem, mesmo o homem primitivo. Embora ao contrário de *Adão*, ele não é o primeiro homem, ainda que ele seja uma espécie de protótipo, de modo que os assuntos relativos a toda a humanidade são explicáveis em referência a ele (como, por exemplo, é aparentemente o caso no que diz respeito à mortalidade, como retratado neste mito).

O que *Adapa* faz, ou o que ele é, tem consequências para as gerações subsequentes da humanidade, não porque ele passou a eles alguma forma de pecado original, mas porque através de sua sabedoria, ele foi escolhido para estabelecer o contexto dentro do qual as gerações subsequentes da humanidade deveriam viver.

Aqui há um paralelo bem como um contraste entre *Adapa* e *Adão*. Ambos são homens primitivos, mas a herança que cada um passa para as gerações subsequentes variam consideravelmente.

---

<sup>10</sup> J. A. Bailey, "Initiation and the Primeval Woman in Gilgamesh and Genesis 2-3," *JBL* 89 (1970): 144-148. But see also B. Reicke, "The Knowledge Hidden in the Tree of Paradise," *JSS* 1 (1956): 193-201; R. Gordis, "The Knowledge of Good and Evil in the Old Testament and the Qumran Scrolls," *JBL* 76 (1957): 123-138.

<sup>11</sup> Thus Jacobsen, "The Investiture and Anointing of *Adapa*," pp. 50-51; Foster, p. 349.

<sup>12</sup> See n. 17, above; also Xella, "L'inganno' di *Ea* nel mito di *Adapa*," pp. 260-261.

Como, então, é que vamos explicar esse paralelismo? Faz Adapa representar um paralelo com o Adão bíblico, ou deveria Adão e Adapa serem contrastados? A sugestão deste ensaio é que em Adão e Adapa representam diferentes caracteres antropológicos, talvez capazes de serem ilustrados por um ator que interpreta dois papéis distintos, mas que é claramente reconhecível cada um.

Adapa não é um "pecador," mas um "homem perfeito." Ele é, portanto, um homem modelo, decorrente do mar, como Oannes, para instruir a humanidade. Ele é um arquétipo humano que compara melhor com tais personalidades bíblicas como Noé, José, Moisés, Jó e Daniel, que também são modelos de sabedoria, devoção e obediência.<sup>13</sup>

Naturalmente, na medida em que Adapa vive em um mundo politeísta, ele deve lidar com todos os seus interesses conflitantes. Estes não são, ao contrário dos interesses conflitantes com os quais se confronta o homem bíblico, exceto que os autores, neste último caso são seres humanos.

Para o homem sobreviver em um mundo como esse leva sabedoria, integridade, confiabilidade, devoção e humildade perante a superioridade inalterável dos poderes divinos.

Adão serve a terra, em vez de um templo. Embora ele possui enorme sabedoria (de modo a nomear os animais, Gen 2:20), ele não é retratado como um professor da civilização para a humanidade.

Ao contrário, ele existia antes da civilização, em um estado primitivo de pureza, nobreza e completa harmonia. Além disso, seu confronto com Deus não é de tristeza, nem pranto, comparável à experiência de Adapa; ele é posteriormente abatido, enquanto culpando suas desventuras em cima de uma mulher.

Adão não é claramente um ideal a ser seguido, mas um aviso para todos, ao invés de um nobre, heróico. Aqui surge um claro contraste entre os dois personagens.

Na tradição bíblica, a caracterização veio através de uma forma muito diferente, o que colocou a sua marca duradoura sobre o conceito de homem na tradição judaico-cristã - a saber, que diante de Deus, o homem é (ou melhor, tornou-se) basicamente pecaminoso, falho, ignóbil e indigno de confiança, curvado a usurpar o lugar do seu Deus.

Este retrato, com certeza, não pretende reduzir o espírito do homem ao pessimismo e desespero, mas para lembrá-lo que, apesar de toda a sabedoria, esperteza, confiabilidade e devoção do que ele é capaz, ele também é sempre um pecador cuja imprevisibilidade, falta de confiança, e irresponsabilidade nunca pode ser totalmente ignorado nem negado.

---

<sup>13</sup> Foster, p. 353; Speiser, p. 310. According to Buccellati, p. 65, Adapa is characterized as a man of faith, and hence he can be compared to such biblical personages as Noah and Abraham. The notion of faith emerges in Adapa's total commitment to his god's counsel. See also Xella, p. 260.



A imagem mostra um homem e uma figura feminina sentada sobre os dois lados de uma árvore que tem uma cobra em seu fundo. Este tipo de selo eram comuns no vigésimo segundo e vigésimo terceiro século antes de Cristo, no sul da Mesopotâmia. Os selos naqueles tempos eram um método de comunicar informações e também foram usados como enfeites e amuletos mágicos.

O que algumas pessoas esquecem é que os registros primários da humanidade descobertos retratam uma visão politeísta. Não há um registro bíblico que anteceda os achados sumerianos e que confronte o politeísmo. Não há também um achado mais antigo do que os sumerianos dos primeiros registros bíblicos. Não há também no período da escrita sumeriana uma inscrição em paleo hebraico.

Portanto dizer que o mito de Adapa é uma adaptação do registro do Genesis é muita burrice e falta de grande informação, agora, dizer que o registro do Genesis sobre Adão é uma adaptação do mito de Adapa é aceitável. Pois o mito de Adapa antecede a quem de distancia a narrativa do Genesis.

Se a lenda de Adão e Eva foi persistente no período babilônico, há uma boa chance de que Bíblia plagiou esta história das antigas lendas. Como os comerciantes da Babilônia viajavam de um lugar para outro, eles levavam suas histórias e tradições com eles. Essas histórias devem ter sido escolhidas pelas tribos nativas de Israel e deve ter se tornado uma parte de seu folclore. Claro, eles devem ter adicionado um pouco de sua própria cor nas histórias antigas, mas o conceito central se manteve o mesmo.



Langdon (1931) entendeu que o mito de Adapa era um "paralelo" ao mito bíblico de Adão e da introdução de morte para toda a humanidade:

Um fragmento Assírio contendo algumas linhas a partir do final do poema relata:

"Nos dias em que Adapa, o filho do homem, Com sua ... crueldade quebrou as asas do vento sul, E subiu aos céus. Será que isso venha a acontecer, e tudo o que ele trouxe para os homens, a doença que provocou nos corpos dos homens. Que a doença, a doença se desviam. Ao que o homem pode cair. E ... ele não pode descansar em doce sono."

A partir destas linhas, é óbvio que todo o mito foi composto como um encantamento para curar os doentes. O autor quer dizer que a doença e os esforços mágicos para curar não foi causado pelos pecados do paciente, mas por Adapa, cujo ato fatal trouxe morte e dor para o mundo numa época em que a tristeza era desconhecida no Paraíso. Mas os deuses forneceram para o homem um médico divino, a deusa Gula ou Ninkarrak.<sup>14</sup>

Se a tradução de Langdon está correta, parece-me que Adapa está sendo responsabilizado pelas doenças que aflingiram a humanidade, causando morte.

Muitos estudiosos têm sugerido que o mito mesopotâmico intitulado *Adapa e o vento sul* é um protótipo de Adão, no entanto, nenhuma serpente aparece neste mito. Por isso se decidiu investigar todos os personagens deste mito para ver se há alguma "associação a serpente." Se descobriu que Ea (Enki), Dumuzi (Tammuz) e Gizzida (Ningishzida) tiveram "associações a serpente" em vários hinos, mitos e obras literárias.



<sup>14</sup> Stephen Herbert Langdon. *A mitologia de todas as raças, semita*. vol. 5. Archaeological Institute of America. Marshall Jones Company. Boston e Oxford. 1931, pag 181,182.

O que você tem diante dos seus olhos são os protótipos pré-bíblicos "originais" por trás dos Querubins no Jardim do Éden: os dois guardas do portão que negavam ao homem (Adapa) o acesso ao "pão da vida," que podia conceder a imortalidade ao homem depois que o deus (Anu) ordenou a mudança do domicílio.

Cristianismo entende que foi a serpente que causou o homem a perder a chance de adquirir a imortalidade. No relato mesopotâmico era Ea / Enki o *ushumgal*, o "grande serpente-dragão" de Eridu que impediu Adapa de comer a comida que teria ele e a humanidade a imortalidade.

### Referências Bibliográfica sobre o Mito de Adão

Andrew George *A Epopéia de Gilgamesh: O poema épico babilônico e outros textos em acadiano e sumério*. Londres. The Penguin Press. 1999, 2000, 2003.

Abraham S. Yahuda. *a precisão da Bíblia: As histórias de José, o Êxodo e Gênesis Confirmado e Ilustrado por monumentos egípcios e Linguagem*. Londres. William Heinemann. Ltd. 1934.

AH Sayce *as religiões do Antigo Egito e da Babilônia: As Conferências Gifford*. Edimburgo. T & T Clark. 1902, 1903.

Alexander Heidel. *babilônico O Gênesis, a história da criação*. Chicago. A University of Chicago Press. De 1947, de 1951. Segunda edição. Reimpressão de 1993.

Alexander Heidel. *Epopéia de Gilgamesh e Testament Parallels Velho*. Chicago. University of Chicago Press. De 1946, 1949. Paperback. reimpresso de 1963, 1995.

Alice Bodington. "Legends of the Sumiro-Accadians da Caldéia." *The American Naturalist*. Vol. 27. 1893.

Archibald Henry Sayce. *The Hibbert Lectures 1887, Palestras sobre a Origem e Crescimento da Religião como ilustrado pela religião dos babilônios antigos*. Londres. Williams & Norgate. 1897. Quarta edição.

AS Kapelrud. "Você certamente não morrerá." Andre Lemaire & Benedikt Otzen, editores. *história e tradições de início Israel, estudos apresentados para Eduard Nielsen*. [A Festschrift]. Leiden, na Holanda. AJ Brill. 1993.

AS Palmer. *Influência babilônico sobre a Bíblia e as crenças populares: "Tehom e Tiamat", "Hades e Satanás."* Um Estudo Comparativo do Gênesis I.2. Londres. David Nutt. 1897.

Avigdor Shinan & Yair Zakovitch. *Dos Deuses a Deus*, Philadelphia. Sociedade de Publicação Judaica. 2012. Originalmente impresso em hebraico como *Lo kakh katuv ba-Tannakh*. Tel Aviv. Miskal-Yedioth Ahronoth Books & Books Chemed. 2004.

Benjamin R. Foster. *Da distantes Dias, Mitos e Contos de Poesia da antiga Mesopotâmia* . Bethesda, Maryland. CDL Press.1995.

Bernard F. Batto. *matando o dragão: mitificação na tradição bíblica*. Louisville, Kentucky. Westminster / John Knox Press.1992.

BS Childs. "Mito e realidade no Antigo Testamento." *Estudos em Teologia Bíblica* . Vol. 27. De 1960. Pp 45-48.

David Carr McClain Os primeiros Precursores reconstrutíveis do Gênesis. *históricas e literárias*. Louisville, Kentucky. Westminster John Knox Press. 1996.

Ewa Wasilewska. *histórias da criação do Oriente Médio*. London & Filadélfia. Jessica Kingsley Publishers. 2000, reimpressão: 2005.

Frederick Robert Tennant. *As fontes das doutrinas da queda e do pecado original*. Cambridge, Inglaterra. Cambridge University Press. 1903.

Gary Greenberg. *101 Mitos da Bíblia: Como antigos escribas Inventaram a História Bíblica* . Sourcebooks. 2002.

George Rawlinson, Henry C. Rawlinson, e JG Wilkinson. *História de Heródoto* . Londres. John Murray. Vol. 1. 1858. Os 4 volumes foram publicados entre 1858-1862.

George Rawlinson, MA. *sete grandes monarquias do Antigo Oriente Mundial ou a História, Geografia, e Antiguidades da Caldéia, Assíria, Babilônia, Média, Pérsia, e da Sassanian ou Novo Império Persa*. 1862, 1870.

George Smith. *A Conto caldeu de Genesis contendo a descrição da Criação, a queda do homem, o dilúvio, a torre de Babel, os tempos dos patriarcas e Nimrod: fábulas da Babilônia, e as lendas dos deuses das inscrições cuneiformes* . Londres. Whittingham & Wilkins. Tooks Tribunal, Chancery Lane. 1876. Reprint de 1994 por Bookshelf da Wizard, San Diego, Califórnia.

Georges Contenau. *Vida Cotidiana na Babilônia e Assíria* . Nova Iorque. Imprensa de St. Martin. 1954.

Gwendolyn Leick. *Mesopotâmia, a invenção da cidade* . Londres. Penguin Books. 2001, 2002.

Gwendolyn Leick. *Um Dicionário de Near Eastern Mythology Antiga*. London & New York. Routledge. 1991, 1996, 1997, 1998.

Heinrich Zimmern. *antigo Oriente Volume n ° III. babilônico e hebraico Genesis*. Londres. David Nutt. 1901.

Helmer Ringgren. *israelita Religião* . Londres. Sociedade. 1966 (Traduzido por D. Green a partir da Ringgren *Israelitische Religião* , 1963).



Henry Creswicke Rawlinson. "Notas sobre a História Antiga da Babilônia ". Londres. 1854; outra fonte diz: "Descobertas da Babilônia." *Athenaeum* . 1377. 18 de março de 1854.

Herbert Edward Ryle. *narrativas iniciais do Gênesis. Uma Breve Introdução ao Estudo do Gênesis I-XI* . London & New York. . Macmillan & Co. 1892 Nota: Este livro é baseado em 8 trabalhos submetidos a uma revista britânica chamada expositivo Times, 1890-1891 que o autor ligeiramente editou para o livro de 1892.

JH Tigay *A Epopéia de Gilgamesh: modelos empíricos para a crítica bíblica*. Philadelpia. Universidade da Pensilvânia.1985.

J. Garrow Duncan, DD *nova luz sobre origens hebraicas* . Londres. Sociedade para promover o conhecimento cristão. 1936.

James Fergusson, FRS *Árvore e adoração à serpente, Ilustrações da mitologia e da arte na Índia, no Primeiro e quarto séculos depois de Cristo*. Londres. Índia Museu. Vol. 79, n ° 472 1868..

James George Frazer. *culto da natureza*. 2 vols. Nova Iorque. MacMillan. 1926.

James H. Charlesworth. *The Good and Evil Serpent: Como um símbolo universal tornou-se cristianizado*. Yale University Press. 2010.

James Hastings. A leitura das Escrituras na adoração pública." *O expositivo Times*. Vol. 17. Edimburgo, Escócia.T. & T. Clark. 1906.

Jeremy Black, Graham Cunningham, Eleanor Robson & Gabor Zolyomi. *literatura da Suméria Antiga*. Oxford. Oxford University Press. 2004, 2006.

JH Tigay. *Evolução da Epopéia de Gilgamesh* . Filadélfia. Universidade da Pensilvânia. 1982.

John G. Jackson. "A Origem Africana dos Mitos e Lenda do Jardim do Éden.: Uma racionalista comentário" 1933.

John H. Walton, Victor H. Matthews, & Mark W. Chavalas. *The IVP Bible Commentary Background: Antigo Testamento* .Downers Grove, Illinois. InterVarsity Press. 2000.

John H. Walton. *antigo israelita Literatura em seu contexto cultural, uma pesquisa de paralelos entre a Bíblia eTextos orientais* . Grand Rapids, Michigan. Zondervan Publishing House. 1989. 1990 Edição Revisada.

John Martin Evans. *Paradise Lost ea Tradição Genesis* . Oxford, Inglaterra. Clarendon Press. 1968.

John Skinner. *Um Comentário Crítico e exegético sobre o Gênesis* . Edimburgo, Escócia. T. & T. Clark. 1910. Edição revista 1930. Reimpressão 1994.

Joseph Campbell. *As Máscaras de Deus: Mitologia criativa*. Nova Iorque. Viking Penguin, Inc. 1968. Reproduzido 1976.

Joseph Campbell. *As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva*. Nova Iorque. Viking Penguin Inc. 1959, reimpresso 1971-1976;1991 por Arkana.

Joseph Campbell. *As Máscaras de Deus: Occidental Mythology* . Nova Iorque. Viking Penguin Inc. 1964. Reprint 1991 por Arkana.

Laurence Coupe. *Mito*. Londres. Routledge. 2008, 2009.

Laurence Gardner. *a origem de Deus* . Brockenhurst, Hants. Inglaterra. Traço House. 2010 .

M. Oldfield Howey. *inscrita em um Círculo A Serpente, A Study of Serpent Simbolismo em todos os países e idades* .Londres. Rider & Company. 1928

Mario Liverani. pp 3-26. "Adapa, Visitante dos Deuses." Mario Liverani. *Mito e Política no Antigo Oriente Próximo Historiografia* . Ithaca, New York. Cornell University Press. 2004. Citando o artigo do Professor Liverani em Adapa e Adão, em italiano, em *Religioni e Civiltà* . Bari, Itália. 1982.

Morris Jastrow, Jr. "Adão e Eva na literatura babilônica". *The American Journal of semitas Línguas e Literaturas*. XV Volume, No. 4. julho. 1899.

Morris Jastrow, Jr. *A Religião da Babilônia e Assíria* . Boston, Nova York, Chicago, Londres. Ginn & Co. 1898. Reproduzido com o Dodo Press. O Reino Unido.

Philip R. Davies & John Rogerson. *Testamento O Velho Mundo* . Westminster John Knox Press. 2a edição 2006. Primeira edição, 1989.

Robert Graves. & Raphael Patai, *mitos hebraicos: O Livro do Gênesis* . Nova Iorque. Greenwich House, distribuído pela Crown Publishers, Inc. de 1963, 1964, reeditado 1983.

Samuel Noah Kramer e John Maier. *Mitos de Enki, o Deus Crafty* . New York & Oxford. Oxford University Press. 1989.

Samuel Noah Kramer. "As escavações de Ur e Suméria, Publicações do Museu da Pensilvânia, 1977.

Samuel Noah Kramer. *A História começa na Suméria*, Garden City, Nova York. Doubleday Anchor. [1956] reimpressão 1959.

Sayce, AH "A Serpente no Gênesis," . Londres e Edimburgo. Vol. 20. P. 562. 1909.

SGF Brandon. *Criação Legends do Antigo Oriente Próximo*. Londres. Hodder & Stoughton. 1963.

Solomon Alexander Nigosian. *dos escritos antigos de textos sagrados: O Antigo Testamento e apócrifos* . Baltimore, Maryland. Johns Hopkins University Press. 2004.

Stephanie Dalley. *mitos da Mesopotâmia: criação, o dilúvio, Gilgamesh e Outros* . Oxford e Nova York. Oxford University Press. 1991.

Stephen Herbert Langdon. *A mitologia de todas as raças* . Volume 5. Boston. Marshall Jones Company. 1931.

Stephen Herbert Langdon. *suméria A Epopéia do Paraíso, o Dilúvio, e a Queda do Homem*. Philadelphia, Pensilvânia. O Museu Universitário. Vol. X. No. 1. De 1915.

Theodore Ziolkowski. *The Sin of Knowledge*. Princeton, New Jersey. Princeton University Press. 2000.

Tryggve ND Mettinger. *Eden narrativa, um estudo literário e religioso-histórico de Gênesis 2-3* . Winona Lake, Indiana. Eisenbrauns. 2007.

WG Lambert e AR Millard. *Atra-Khasis, o babilônico história do dilúvio*. 1969 Oxford University Press. Reprint.: 1.999 Winona Lake, Indiana. Eisenbrauns.

Wilfred G. Lambert, "Um novo olhar sobre o registro babilônico do Gênesis,.. [1965], de Richard S. Hess e David T. Tsumura Editores Winona Lake, Indiana Eisenbrauns 1994.

William F. Albright. "A Deusa da Vida e Sabedoria". 258-294. *The American Journal of semitas Línguas e Literaturas* . Chicago. vol. xxxvi. outubro 1919-julho de 1920.

William Frederick Cobb. *Origines Judaicae. Uma Investigação do nascimento e crescimento do judaísmo*. Londres. AD Innes & Co. 1895.

William Hayes Ward. "A Serpente na Mitologia". pp 209-229. Edwards Amasa Park & Samuel H. Taylor, editores. *A Bibliotheca Sacra* . Volume 38 Londres: Trubner & Company; Andover: Warren F. Draper.1881.

William St. Chad Boscawen. *A Bíblia e os monumentos: os primitivos hebreus Registros à luz da pesquisa moderna*. Londres. Eyre & Spottiswoode. 1895.